

Poeta carioca redescobre-se em ‘Ímpar’

Renato Rezende abandona a poesia simples dos trabalhos anteriores para assumir uma postura mais cortante e determinada

Astier Basílio

(*Jornal da Paraíba*, João Pessoa, 23 de fevereiro de 2006)

O poeta carioca Renato Rezende no seu quarto livro de poemas, *Ímpar* (Lamparina, 2005, 92 págs), deu uma guinada de 180 graus em relação ao que o seu estilo se afigurava em trabalhos anteriores. A poesia simples, fluida, reflexiva, que brotava do chão como água límpida, segundo observação de Ferreira Gullar, foi sacudida em forma, fundo e conteúdo, como se o livro marcasse o surgimento de um novo poeta, de um outro autor.

A mudança se dá desde as capas. Rezende também é pintor e ilustra seus livros com obras suas. No livro anterior *Passeio* (Record, 2001), a capa é branca e traz a reprodução de uma imagem com um traço harmonizado. Bem ao contrário da capa atual, chapada em vermelho, com salpicos dourados, dando a impressão de que algo está sendo sujo, baldeado. Nas contracapas, de dentro, vários pingos azuis são jogados sobre a superfície branca, lembrando a lição de lirismo de Manuel Bandeira: a calça de brim suja de lama.

Em vários poemas são feitas referências ao estado de mudança, à fratura e cisão líricas. Um dos primeiros poemas do livro, “Cego, surdo, mudo” é quase uma profissão de fé. “Ver outra vez com os mesmos olhos/ o mil vezes visto e revisto? (...) os mesmos ruídos e vozes/ sem respostas, as velhas melodias tristes,/ falar com novas palavras e versos/ o mil vezes dito (...) Não quero nada disso; quero o vazio/ que traga o novo”.

Renato Rezende parte da observação cotidiana, na linha do limite, entre o milagre da poesia e a simplicidade que nada diz além de si mesma, para uma postura mais incisiva, pulsante, angustiada. O poema que melhor descreve este ponto de mutação é “[Corpo]”, sobretudo o final, quando o autor pontua: “UM CORPO DEVORA O OUTRO”.

Mesmo curto, o livro se divide em 7 capítulos. Em “Plano de desaparecimento”, o autor nos apresenta um novo auto-retrato que surge de um lirismo sincopado, ríspido. Já em “Fim do amor”, o velho tema comparece despido de encanto e sacudido pelo timbre ácido do autor. Em “Imperfeições do sofrimento” se vê o aprofundamento do lirismo do primeiro capítulo, só que num tom impessoal. O capítulo “Combustão” é o capítulo mais experimental do livro. Aqui o autor aposta e investe na desconstrução signífica. Em “Mundo iluminado” Renato Rezende em alguns flashes recupera o aspecto de observação cotidiana, só que os temas e as abordagens mudam; por fim, os

últimos dois capítulos “Itinerário” e “Alhures” bem que podiam ser postos num só, haja vista que recuperam temas já desenvolvidos nos momentos anteriores.

A mudança foi proveitosa? Evidente que é preferível para um artista desconfiar de sua obra procurando superar-se a vê-lo repetir fórmulas e se repetir. Em seu novo livro, o que saltou à vista foi a agressividade, a postura mais cortante, mais determinada.

Renato Rezende ao virar-se pelo avesso nesta obra mostra que poesia tem de ser algo em constante reformulação. *Ímpar* é um tiro sem misericórdia na monotonia.